

Resenha do filme: "Eu, você e todos nós"

O filme retrata a vida de Christine Jesperson (Miranda July), uma artista plástica que divide seu tempo entre criações pessoais e seu trabalho como motorista para pessoas idosas que não conseguem mais dirigir. Em uma de suas viagens, conhece Richard Swersey (John Hawkes), um vendedor de sapatos recém separado que tenta criar dois filhos pequenos. Os dois personagens se encontraram no subúrbio de Los Angeles e possuem uma característica em comum, que é a solidão, um traço forte e visível, deixando a sensação de que as pessoas vão ser "engolidas" por suas próprias existências. O filme consegue mostrar com profundidade uma tentativa de conexão entre as pessoas, que vivem num mundo contemporâneo e distante fisicamente.

Em paralelo, também é visto os conflitos internos vividos por adolescentes, como os filhos de Richard, que precisam lidar com dilemas próprios da juventude, ao mesmo tempo em que ressentem um distanciamento por parte do pai. Além de duas adolescentes com sua inexplorada sexualidade, o primeiro amor de uma pequena garotinha com o seu vizinho e um romance virtual pedófilo.

De acordo com Freud, a sexualidade nos acompanha desde o nascimento até a morte; ou seja, desde o nascimento os indivíduos são dotados de afetos, desejos e conflitos internos muito particulares. E o filme deixa isso evidente, ao retratar adolescentes e crianças explorando sua sexualidade de forma exacerbada, muitas vezes até com atos considerados criminosos para a sociedade atual. Em uma cena marcante, é possível observar os dois filhos de Richard no computador, tendo conversas sexuais com uma mulher; e nesse momento fica visível a fase que Freud denominou de Fase Anal, pois o que o menino deseja dizer para mulher está totalmente relacionado com fezes e excrementos, o que para ele é algo normal e prazeroso, mas causa estranhamento no irmão mais velho. Portanto o filme consegue, com vigor, demonstrar muitas complexidades sexuais humanas, relacionadas com desejos considerados "impuros", como pedofilia, e, ao mesmo tempo, faz um contraste com a juventude e seu modo de pensar, muito diferente dos adultos, pois ainda não há uma repressão muito forte dos desejos.

EU, você e todos nós. Direção de Miranda July. EUA: IFC Films, 2005. (95 min).

REBOUCAS, Mônica. Sobre a sexualidade em Freud. Cogito, Salvador, v. 4, p. 17-25, 2002. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792002000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 18 out. 2020.

OLIVEIRA, Cristiane. Freud, a sexualidade perverso-polimorfa e a crítica ao discurso da degenerescência: revisitando tensões entre psicanálise e psiquiatria. Ágora (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 53-68, Apr. 2016. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982016000100053&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 18 Oct. 2020